

Salto – Quais eram as fronteiras e as ações do Movimento Social e Popular na década de 1960, quando houve o golpe militar?

Moacyr de Góes – Nós temos um quadro que é a Guerra Fria, ao fundo, e as Reformas de Base de João Goulart, as propostas de João Goulart, esse era o contexto. No caso específico da educação, é a questão da Educação Popular que vai ser gestada em 1958, no 2º Congresso Nacional de Educação de Adultos no Rio de Janeiro, em que Paulo Freire apresenta sua famosa tese de Educação com Sociedades Marginais, que hoje chamaríamos de excluídos.

Essa bandeira de luta, de educação popular, ela se concretiza, inicialmente, através de quatro movimentos, são os chamados movimentos fundadores: o primeiro, em 1960, foi o movimento de Cultura Popular no Recife, em que foi testado pela primeira vez o método de Paulo Freire, a alfabetização de 40 horas; o segundo em fevereiro de 1961, a campanha "De Pé no Chão também se aprende a ler", em Natal, oriundo da Campanha do prefeito Joel Maranhão, um compromisso da erradicação do analfabetismo; o terceiro, em março de 1961, o Movimento de Educação de Base (MEB), que fundamentalmente eram as Escolas Radiofônicas e a população alvo era a população camponesa.

Temos um convênio do governo Jânio Quadros com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que constrói o MEB; e o quarto movimento é oriundo da UNE, que é o Centro Popular da Cultura (CPC), que depois vai adotar o método de Paulo Freire e o Ministério da Educação vai incorporar esse método ao Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, Plano Nacional com o método de Paulo Freire, isso já no final de 1963. E quando chegou 1964, com o Golpe de Estado, esse movimento acabou.

Salto – O golpe militar interrompeu muitas das iniciativas de cunho social e popular que estavam sendo implementadas, sobretudo na educação. E quando foi a retomada desse movimento social, ou de outros movimentos?

Moacyr de Góes – O discurso da Educação Popular, depois de 1964, é retomado, por exemplo, nas Comunidades Eclesiásticas de Base (CEBs), porque temos aí a participação da JUC, da antiga JUC, que já não existia mais, mas existia a metodologia. Encontramos em Medellín, com a Teologia da Libertação, o discurso da Educação Popular. Encontramos na Campanha pela Anistia, o discurso da Educação Popular. Até mesmo hoje, por exemplo, muita coisa do MST, no seu material de Educação, está refletindo ainda um pensamento, um impulso que veio dos anos 1960 com a Educação Popular.

Salto – Que heranças nós temos dessa história para os movimentos populares que conseguimos ver hoje?

Moacyr de Góes – O discurso da Educação Popular conseguiu uma prática até o Golpe de Estado. Com o Golpe de Estado de 1964, esses movimentos foram desarticulados, reprimidos. Agora, eles são retomados com o discurso presente

na CNBB, em Medellín, e nas Associações de Moradores, quando a sociedade civil tenta se reorganizar. Hoje, vemos na leitura desses movimentos sociais uma semente que é originária dos anos 1960, até 1964.

Salto – E aí percebemos que algumas bandeiras de luta podem ter mudado. Temos hoje movimentos com novos nomes, mas o que mudou em termos de bandeiras? O discurso continua o mesmo, ou ele se readaptou?

Moacyr de Góes – Não é o mesmo, ele se readaptou. Marx já dizia que a história só se repete como farsa ou como tragédia. Então, na sociedade globalizada, hoje, aquela proposta dos anos 1960 é inadmissível. A cada momento da história responde-se com determinada organização. Essa organização, no entanto, já representa uma ligação com o que se fazia antes. Quando Gramsci fala no surgimento do novo, ele diz sempre: "O novo surgiu do velho". É uma parte do velho que se transforma em novo. Por exemplo, hoje, essa organização camponesa, que não é só o MST, tem outras também, é um novo vindo de um velho. E o que é um velho? É aquele que em 1960 era novo, que eram as ligas de Chico Julião, Francisco Julião, as Ligas Camponesas, elas eram o novo em 1960. Em 2005, aquilo ficou velho, mas aquele velho se transformou no novo de hoje, que é a luta de resistência, são os assentamentos, a bandeira da Reforma Agrária e tudo o mais. Quer dizer, a cada etapa da história, a cada momento da história, temos uma resposta para a questão. Enquanto ela não for resolvida, a pergunta não ficará calada.

Salto – Que relação poderíamos estabelecer entre os movimentos sociais e a educação formal? Como é que eles podem dialogar?

Moacyr de Góes – Desses quatro movimentos de que falei, o exemplo melhor para responder a essa questão seria a Campanha "De Pé no Chão também se aprende a ler", em Natal. Por quê? Na campanha de 1960 do candidato Djalma Maranhão a prefeito, ele não organizou a sua campanha através dos partidos. Os partidos, naquela época, quase se repetiam, havia muito pouca diferença.

Então, Djalma Maranhão fez a opção de uma democracia direta, de corte nacionalista e de esquerda. Ele organizou comitês, chamados comitê de rua, o comitê nacionalista, e esses comitês discutiam a rua, o bairro, a cidade, o país, o mundo. Aí já tem uma influência de leitura do mundo marxista, porque não ficava somente preso ao problema de rua, de bairro, mas estava sintonizado com uma totalidade, uma leitura total de realidade. Depois de eleito Djalma Maranhão, o programa já estava organizado por esses debates e havia uma listagem de prioridades. A prioridade número um é a Educação, a Escola. É a erradicação do analfabetismo. Djalma Maranhão vai para a prefeitura, assume como prefeito, eu vou para a Secretaria de Educação, e aí se cria aquele momento em que temos o encontro de uma educação acadêmica, que é perfilada pela Secretaria de Educação, e a proposta de educação do Movimento Popular. E esta combinação não é excludente, é entendida como a soma de duas vertentes, e a campanha "De Pé no Chão também se aprende a ler" surge disso. Há um equilíbrio entre o espontaneísmo do movimento dos

comitês nacionalistas equilibrados pela instituição, que é a Secretaria Municipal de Educação. Quer dizer, esses dois afluentes do rio se encontram e caminham juntos para fazer a Campanha "De Pé no Chão". (...) Da discussão toda, veio a proposta: se não temos escola de alvenaria, então façamos a escola de palha de coqueiro. Votaram e a proposta foi aprovada. Eu levei a proposta para o prefeito, que aprovou. E aí nós teríamos que fazer o quê?

Preparar os professores. A escola, o ambiente físico, foi definido pelo movimento popular. A proposta era uma escola de palha de coqueiro. Os marceneiros da Prefeitura foram fazer este pavilhão, geralmente um acampamento escolar é constituído de quatro pavilhões de 30 metros por 8 metros, são 4 salas de aula dentro de cada um desses pavilhões. Como eles não têm paredes, não há problema de acústica. A escola era feita de cobertura de palha de coqueiro com chão de barro batido. Nessa escola o custo/aluno era de menos de U\$ 2,00 (dois dólares). Dessa forma, foi bastante barateada a proposta educacional e foi possível, de fevereiro de 1961 a abril de 1964, fazer uma matrícula acumulada de 40.000 alunos, numa população de 60.000 habitantes.

Salto – Fale sobre a prática, de cunho popular, e a relação com a Universidade.

Moacyr de Góes – O espaço físico foi definido pelo movimento popular. O espaço físico da escola, mas a escola não é só seu espaço físico. Dizia Anísio Teixeira: "a escola são os seus professores". Em Natal, tem uma Escola Normal há 50 anos. Então, era preciso fazer o quê? Preparar os recursos humanos. Daí, foram formados os cursos de emergência e o Centro de Formação de Professores. O contingente humano, a mão de obra, foi preparada pela academia, pelo pensamento acadêmico. Os círculos de pais e professores, onde se encontram as duas vertentes, o pensamento acadêmico e o movimento popular, se transformam num ambiente que extrapola a escola. Por isso, eles caminharam juntos, na mesma direção. Um exemplo disso foi o acampamento escolar do Bairro Nordeste. Este acampamento não tinha água encanada, nem luz elétrica. Esse ciclo de pais e professores é que vai lutar por essas duas conquistas. A água e a luz chegam ao bairro em função da luta política do ciclo de pais e professores. É isso que chamo de confluência de um pensamento acadêmico com um movimento popular.

Salto – A escola tem esse espaço de discussão, de diálogo, para entendimento e convivência de todas essas diversidades sociais (diversidade de gênero, de raça, de etnia). Como é que a escola tem permitido o diálogo entre a diversidade e a convivência entre os desiguais?

Moacyr de Góes – Isso se dá porque escola é um momento de convergências. Pelo menos teoricamente deve ser. A sociedade civil deve estar dentro da escola, assim como a responsabilidade do Estado deve estar dentro da escola. Criam-se arenas diversificadas. Vou voltar a situar a campanha "De Pé no Chão também se aprende a ler". Tem um determinado momento em que o

artista popular Chico Santeiro, que produziu aquele Cristo que tenho em minha casa, vai ensinar sua arte aos meninos dos acampamentos escolares. E aquele Coco de Roda integra o currículo do acampamento da Conceição, outro acampamento da campanha "De Pé no Chão". Por quê? Porque nós esperávamos que a recreação fosse uma matéria e não somente um espaço desordenado de folga do aluno. Para nós, recreação é uma matéria, como Português, Matemática, ou História. Então, na recreação, os autos populares e folclóricos eram mostrados aos alunos. Esperava-se que essas manifestações fossem uma porta de entrada do povo para sua cultura, a sua cultura popular. Por isso é que nós estivemos tão próximos desses cantos, danças e coreografias populares, que passam de geração para geração. O Boi Calemba, os congos, o fandango, a Chegança, o Côco de Roda, também chamado de Babelô, tudo isso estaria incorporado. Por isso é que são arenas diversificadas. As lutas políticas para trazer água e luz para o bairro, a preservação da cultura popular através da recreação... E ensinava-se a ler, a escrever e a contar dentro da campanha de erradicação do analfabetismo. E mais, superada essa fase de alfabetização, iniciava-se a Escola Fundamental. O "De Pé no Chão" teve classes de 1ª a 4ª série. A campanha "De Pé no Chão Também se Aprende a Ler" iniciou os alunos no trabalho. Eram os cursos profissionalizantes, e sim no nível de iniciação. Não era de nível técnico, apenas de iniciação ao trabalho. Então, é muito rica a comunhão entre a sociedade com seu povo organizado e o pensamento acadêmico. Essa aproximação só dá lucro, só dá frutos bons.

Salto – Temos, então, a prática de um currículo diferenciado, adequado à realidade local e ao seu público alvo.

Moacyr de Góes – Quando chamaram o "De Pé no Chão" de escola ecológica, é porque o conjunto arquitetônico do acampamento, por exemplo, está integrado à paisagem, não agride a paisagem. Isso nos anos 1960. Hoje os movimentos ecológicos são a grande plataforma, e já se discutiu, nos anos 1960, a escola ecológica. Quando se construiu o primeiro acampamento, que foi o acampamento das Rocas, os funcionários da Prefeitura ficaram num impasse, porque não sabiam fazer a virada da palha. O que é a virada da palha? Lá em cima (no teto) tem que ficar a palha virada para poder correr a água da chuva. Quem é que vai ensinar isso? Djalma Maranhão chama seus amigos pescadores do canto do mangue, e os pescadores que habitavam esse tipo de casa ensinaram aos operários da Prefeitura uma tecnologia que eles não conheciam mais, que estava superada. Só trabalhavam com telha. Para trabalhar com a palha é preciso ser ensinado. Este é o momento em que a cultura popular, a virada da palha, se associa a uma proposta de um estado que, na metade do século XX, já não sabia mais trabalhar com isso. Mas isso vai baratear, vai dar característica à proposta de erradicação de analfabetismo em Natal.

Salto – Qual é a importância de Paulo Freire nesta questão da Educação Popular? Fale um pouco sobre o método e sobre as atividades práticas.

Moacyr de Góes – A proposta de Paulo Freire é para educação de adultos.

Com relação ao método, a primeira discussão é a identificação do mundo da cultura e do mundo da natureza. Isso é discutido com um adulto: "Aqui é o mundo da natureza, você vê aquela árvore, aquilo ali faz parte do mundo da natureza. Na hora em que o homem se aproxima daquela árvore e com aquela madeira faz esta mesa, a mesa passou a integrar o mundo da cultura". Depois de uma discussão iniciada nesse nível, o próprio analfabeto chega a reconhecer que ele é produtor de cultura. Ele produz cultura. Cultura não é somente aquilo que está no livro, mas sim a transformação que o homem faz na natureza. Ao transformar a natureza, ele se descobre um produtor de cultura. Nesta hora, o trabalho fica fácil, porque ele não é mais um objeto. Ele é o sujeito da Educação. E a partir daí, com uma palavra-chave, que deve ser de seu próprio vocabulário, que vem da pesquisa feita, começa-se a alfabetização daqueles homens. A grande contribuição de Paulo Freire é nesse sentido: a descoberta do homem analfabeto, mas portador de cultura. E que esse homem, portador de uma cultura ancestral, que vem da sua família, de seu bairro, da sua cidade, passa a ser um homem letrado, na medida em que domina os códigos da escrita, da aritmética e tudo o mais. Então, ele se alfabetiza. Mas é preciso que ele continue os estudos em uma escola regular. Ele se integra num supletivo, ou algum outro curso, porque senão ele regride. Esse é um problema, se o alfabetizado for largado à sua própria sorte. É preciso que ele seja "alimentado". Deve haver uma segunda fase, um terceiro momento, um quarto momento, para que ele se transforme num cidadão pleno. Esse é o grande objetivo, a cidadania.

Salto – Esta é a grande discussão, a questão da cidadania.

Moacyr de Góes – Da consciência intransitiva para a consciência transitiva e crítica, essa é a proposta conscientizadora. Paulo Freire via o Brasil como uma sociedade fechada que se abria. E que a consciência, que era intransitiva no homem, deveria se transformar numa consciência crítica. Então, era uma percepção de mundo e daí para uma consciência política era muito rápido. E qual era o objetivo? Naquela época o analfabeto não votava, então as oligarquias dominaram o quadro brasileiro. Nossa pretensão qual era? Estávamos engajados na luta da educação popular com Paulo Freire e todos os outros, a proposta era ingressar com 5 milhões de votos nas eleições de 1965. Cinco milhões de analfabetos que seriam transformados em alfabetizados para votar, e iam votar. Com isso, pretendia-se desequilibrar as eleições, que eram ganhas sempre pelas oligarquias. Quem tem o poder não gosta de perdê-lo, daí a repressão. Mas mergulhamos e voltamos à tona. Hoje nós temos um país que discute os temas que estamos discutindo, que vocês estão promovendo. Retoma-se a raiz da questão. E eu me sinto muito bem no país de hoje, com todos os seus problemas, com todas as suas misérias, com todas as suas desigualdades e com as reformas que ainda não saíram. Com os excluídos, com os famintos. No entanto, é uma sociedade que anda. Essa é a minha percepção: uma sociedade que anda.